

Cartografias Travestis

perspectivas metodológicas de guerrilhas nos diálogos com o movimento social organizado

25

Adriana Sales¹

Keila Simpson²

Resumo: Este texto é recorte de pesquisa de doutoramento sobre travestilidades e escola, dialogada com lideranças do movimento social organizado destas pessoas. Tal proposta tem intenção de problematizar posições metodológicas consideradas marginais, enquanto comprometimento ético e político com a referida população em questão. Para este propósito, apresentamos um breve mapeamento da história do movimento social das travestis brasileiras nos últimos vinte e cinco anos e, no diálogo com as lideranças nacionais, visando garantir que os conhecimentos produzidos nos processos de vida, mesmo que excludentes, sejam considerados. Neste sentido, marcamos nossa contestação em relação aos binarismos universais fixos “biologizantes” em muitas produções acerca desta população, para garantir as novas expressões de gêneros nos contextos diversos de vida. Logo, assumimos uma produção de guerrilha no que tange ao universo travesti e os estigmas sempre alocados para estas pessoas.

Palavras-chave: Cartografias travestis; Travestis brasileiras; Cartografias de guerrilha.

¹ Mestre em Educação (UFMT). Doutoranda em Psicologia (UNESP-Assis). Professora da rede pública de ensino (SEDUC-Mato Grosso). Secretária para assuntos internacionais da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Secretária de educação da Associação brasileira de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (ABGLT). email: adriana.salesunesp@gmail.com

² Presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Coordenadora do Espaço de Sociabilidade e Convivência do Centro de Promoção e Defesa dos Direitos LGBT da Bahia. email: keila507@hotmail.com

Perspectivas metodológicas como posição política

Este texto surge a partir da necessidade de estabelecer proximidades dialógicas muito comprometidas com o coletivo organizado travesti brasileiro. Estabelecemos, aqui, a parceria entre a pesquisa de doutorado realizada pela primeira autora, e uma das lideranças do referido movimento social.

Tal intenção tem pretensão de abordar alguns elementos e perspectivas metodológicas utilizadas, que discorrem sobre a história do referido movimento, garantindo as vozes que são fundantes para tal mapeamento histórico, ou seja, as travestis que viveram (vivem) tal processo de organização.

Utilizamos a perspectiva cartográfica para ampliar estes olhares (percepções) na garantia de que tal mapeamento tenha brechas para o improvável, para o (não) científico, para o que escapa das normas fixas e reducionistas, para o que transborda das produções acadêmicas, que marcaram essas histórias sempre na contramão da felicidade, da sobrevivência, da resistência, da articulação e manutenção destas expressões de vidas: as travestis.

O mapeamento (na pesquisa) se deu com a escolha de treze travestis eleitas nas cinco regiões do país, por serem lideranças reconhecidas pelos seus pares, nos processos que a história do movimento social de travestis foi estabelecendo, em seu decorrer de conquistas de direitos e reconhecimentos enquanto coletivo.

Esse processo de escolha se deu no compromisso ético para com o coletivo para não se perder as muitas histórias que estão agregadas no movimento destas pessoas e, em trazer para a arena das produções de conhecimentos científicos, as pluralidades de demandas, que são acordadas em nome de uma luta equânime pela vida.

Estas histórias e documentos encontrados sobre esta articulação são atravessados pelas análises dos discursos e pelos comprometimentos cartográficos com as informações encontradas, pois,

Cartografar é conectar afetos que nos surpreendem e, para tanto, na formação do cartógrafo é preciso ativar o potencial de ser afetado, educar

o ouvido, os olhos, o nariz para que habitem durações não convencionais, para além de sua função sensível trivial, ativando algo de suprassensível, dimensão de virtualidade que só se amplia à medida que é exercitada (KASTRUP, PASSOS e TEDESCO, 2014, p.63).

As problematizações sobre as experiências dessas travestis, em seus processos de formação política, enquanto expressão de gêneros, de seus corpos, e de suas práticas sexuais, exige uma abordagem que considere as complexidades das realidades.

Desse modo, foram utilizadas as mais variadas ferramentas para obtenção dos dados (informações) com respaldo cartográfico. Essas opções justificam-se pelo envolvimento das pesquisadoras (as duas travestis que escrevem este texto) com o universo da pesquisa, adquirido pelas intervenções sociais e relacionais para condução do trabalho e pelo contexto social mapeado.

Deslocamos nossos olhares e atenção para e junto às participantes (travestis) como produtoras de conhecimentos em suas verdades subjetivadas e potentes. O dualismo e a validade das realidades dependem das posições políticas das sujeitas.

Da mesma forma que a linguagem é concebida em concordância social de seu grupo de convívio. E, ainda, de acordo com Deleuze e Guatarri (1992), observar e acompanhar os processos, não apenas representando-os enquanto objetos, é caminho investigativo das produções enquanto princípios que atestam as forças performáticas “inteiramente voltadas para uma experimentação ancorada no real” (DELEUZE e GUATARRI, 1992, p. 21).

Assim, buscamos garantir que todas as pessoas envolvidas, no decorrer da pesquisa, fossem agregadas como partícipes (produtoras de conhecimentos) destes processos, pois todas têm seus corpos, que são múltiplos, são sujeitas políticas, sociais e culturais. Logo, a utilização de ferramentas como cadernos de campo, entrevistas, produções de narrativas e observação participante foram instrumentos para o trabalho e elaboração dos conhecimentos nesta experiência.

Os cadernos de campo serviram de pano de fundo para anotações de situações e eventos que entremeiam as buscas dos documentos, os contatos com as participantes, os encontros com as mesmas e os processos do antes, durante e depois das entrevistas e os enredamentos das problematizações sinalizadas evidentes.

Acreditamos que estas anotações foram importantes no processo metodológico cartográfico, pois as pistas que cada configuração apresentou no território e nos muitos encontros com essas pessoas, puderam mudar todo o rumo das respostas (discursos) que se quis trilhar.

Os variados contextos proporcionaram outros horizontes para a tese, mesmo porque, na perspectiva dialógica que propomos, comprometidas com este movimento organizado, hábito neste território existencial, e estas pistas metodológicas, isto não é meramente protocolo ou regra de pesquisa, nem procedimentos pré-concebidos, mas são produções de conhecimentos processuais, passo a passo (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009).

Vale ressaltar que, tanto a experiência que elegeu cada travesti para a tese, quanto os processos que atravessam esta experimentação dialógica no trabalho, tomaram como pressuposto a “experiência” enquanto a origem dos conhecimentos, as variadas relações interpretativas dessas pessoas e o comprometimento ético (político) d@s pesquisador@s que propuseram relatar os entremeios dos caminhares nessas relações (SCOTT, 1999).

Esse processo de escolha, e das relações que procuramos estabelecer com cada liderança do referido movimento organizado brasileiro, suas histórias de vidas, seus ativismos e seus acervos documentais pessoais sobre a história deste coletivo, demandam posicionamentos fiéis a tais discursos, pois esta experimentação, de acordo com Teresa de Lauretis “é o processo pelo qual, para todos os seres sociais, a subjetividade é construída” (LAURETIS, 2000, p. 159).

Neste sentido, utilizar desta escolha teórica (metodológica) da experiência é validar que, os atravessamentos, os processos de subjetivação e as outras linhas, que estão indiretamente nos discursos das travestis, e nos processos relacionais, demonstram nosso acordo com algumas críticas a certos empirismos. Nos posicionamos no sentido de nos atentar, não somente aos fatos brutos, mas, principalmente, às conotações que são bem mais variáveis e indefiníveis (SCOTT, 1999).

Os temas acerca das relações do processo histórico do movimento travesti, a falta de políticas públicas, a negação para com as identidades políticas sexuais e de gêneros, pedem (exigem) que se tenham como relevantes as interações sociais concretas e seu caráter dialógico. Este dialógico significado como processos em que há constantemente alternâncias e mudanças de posição na produção dos discursos ou narrativas (deslocamentos) (BAKHTIN, 1992).

As referidas relações, tanto das travestis no reconhecimento de suas histórias, quanto delas como partícipes (pesquisador@s), e as nuances dos contatos no decorrer das experiências no trabalho, foram estabelecidas na premissa do método cartográfico ao reafirmar que,

A construção de tais vínculos envolve a criação coletiva e partilhada de sentido, o que implica não só a possibilidade de colocação das questões que são próprias dos diversos atores envolvidos, mas também a abertura aos efeitos dos encontros que ali se estabelecem, pois, é certo que os pesquisadores e os participantes possuem interesses, concepções e avaliações diferentes quanto ao que tem lugar no processo da pesquisa (PASSOS, KASTRUP e TEDESCO, 2014, p. 68).

As experimentações são também posicionamentos políticos que atravessam as trocas e interesses de cada partícipe do processo, tanto na coleta dos dados, quanto na interpretação dos mesmos e na validação pelas pessoas responsáveis em conferir os aspectos do rigor científico das análises, pois essa “experiência torna-se, nesta prerrogativa, não a origem das nossas explicações, mas tudo o que gostaríamos e reafirmamos explicar” (SCOTT, 1999).

Não somente no sentido de esperar um crivo para tal produção, de avaliar constantemente as outras pessoas envolvidas em todo o processo da tese, mas potencializar todos os efeitos e afetos, tanto positivos quanto negativos, da interpretação, ou mesmo, “amparar o outro na queda é confiar nessa potência, é desejar que ele se manifeste. Essa confiança fortalece, no outro e em si mesmo, a coragem de entrega” (ROLNIK, 1994, p. 8).

Assim, como possibilidade de instrumentos, recorreremos às entrevistas semiestruturadas como disparadoras sobre os processos de formação enquanto travestis, as demandas do movimento social organizado, as produções dos corpos e as relações nos processos históricos do movimento.

Buscou-se sempre a produção de espaços dialógicos, no qual os discursos circulavam e eram objetos de negociações, significados, sentidos sobre as diferenças de gêneros e sexualidades. Tais entrevistas se estruturaram segundo os pressupostos de Passos e Barros (2009), Deleuze e Guatarri (1992).

Derivadas dos diálogos estabelecidos com as participantes, outras questões foram possíveis de serem formuladas, considerando alguns eixos fundamentais: as impressões sobre as possibilidades dos gêneros travestis, as marcas dos corpos, as demandas políticas e sociais, os processos de escolarização e as relações que engendram esses acontecimentos, acrescidos das observações e anotações nos referidos cadernos citados.

As entrevistas foram delineadoras dos discursos e marcaram o compromisso de negociar, junto às entrevistadas, o que está dito e não dito, os desejos possíveis e impossíveis, as configurações de vidas que tem validade, porque existem e estão resistindo. Alicerçamos esta ferramenta na cartografia que, “nesses casos, a entrevista

visa intervir, por meio do manejo, para fazer com que os dizeres possam emergir encarnados, carregados da intensidade dos conteúdos, dos eventos, dos afetos ali circulantes” (PASSOS KASTRUP e TEDESCO, 2014, p.100).

Nesta proposta cartográfica, as escutas precisam acompanhar as processualidades dos relatos como “linhas intensivas” (PASSOS KASTRUP e TEDESCO, 2014, p.109), processuais, fragmentadas e “rizomatizadas”, sem início e nem fim, apenas enquanto mais uma possibilidade de produção de discursos estabelecida quase que como uma conversa, ou mesmo, uma conversação que agencia todos os cruzamentos, linhas e flutuações (DELEUZE e PARNET, 1998).

As experiências das vidas, dos contatos com o ativismo travesti brasileiro, as lutas constantes pela sobrevivência, não somente de modo particular, mas levantando pautas e bandeiras de controle e contestações, são bases alicerçadas para dar o tom do caminhar metodológico.

Tais intenções se pautam na produção de uma Psicologia comprometida com a manutenção das vidas, visto que, “através desse processo a pessoa se coloca ou é colocada na realidade social (...) aquelas relações – materiais, econômicas e interpessoais – que são, de fato, sociais, e, numa perspectiva maior, históricas” (LAURETIS, 2000, p. 159).

O processo histórico do movimento social organizado das travestis no Brasil

Para problematizarmos as posições que temos tomado, diante das produções de conhecimentos e escolhas teórico-metodológicas marginais, é fundante um breve mapeamento dos processos históricos do movimento social organizado das travestis brasileiras.

Este panorama foi possível após vasta pesquisa nas fontes documentais do Ministério da Saúde, órgão responsável pelo financiamento dos Encontros Nacionais de Travestis, Transexuais e Liberados no combate à Aids – Entlaids – sendo o grande disparador na mobilização do movimento social organizado das travestis brasileiras.

Agregamos, também, aos documentos e pesquisas já realizadas, narrativas das travestis que fizeram e fazem parte destas histórias, de arquivos pessoais, que estão sendo disponibilizados pelas partícipes da criação do movimento referido, validando-as, através das entrevistas e relações com essas pessoas, textos tão legíveis e íntegros, que não podem ficar de fora deste emaranhado de dados, seja pela

importância destes relatos, seja pela intenção latente, neste trabalho, de garantir as experiências das várias travestis.

Estas narrativas e histórias das travestis, que vivenciaram o surgimento do coletivo organizado no Brasil, são centrais, porque dão o suporte para problematizarmos os eventos e dinâmicas, que foram travadas nestes anos mapeados e apontam os muitos elementos, que foram utilizados como resistência aos poderes de opressão fascista, que deram força para que estas organizações e posicionamentos pessoais sobrevivessem e ganhassem olhares para esta pauta.

É preciso marcar, então, a primeira instituição, fundada em 1992, ASTRAL – Associação de Travestis e Liberados do Rio de Janeiro, com sede na cidade do Rio de Janeiro, que apresenta a proposta específica de coletivo de pessoas trans no Brasil. Inicia todo o processo histórico deste coletivo, projetando e realizando o primeiro Encontro Nacional de Travestis e Liberados que atuam na prevenção da Aids – ENTLAIDS – que aconteceu no ano seguinte (1993), agregando, entre pessoas travestis, mulheres transexuais, pessoas da comunidade lgbt³ e pesquisador@s, num total de 95 pessoas. Nesse encontro, e nesse período, não havia referência a homens trans, nem se falava neste conceito.

O evento teve a frente a ativista travesti Jovanna Baby, organizado pelo grupo ASTRAL e realizado com apoio do Instituto de Estudos da Religião – ISER. Contou com a participação de representantes de vários estados cujos grupos organizados, em sua maioria, eram compostos apenas por gays e lésbicas, havendo poucas lideranças de travestis e apenas duas instituições dirigidas por elas: a ASTRAL no Rio de Janeiro, e o Grupo Esperança, em Curitiba no Paraná.

O evento, de acordo com os referidos relatos e documentos, que compuseram este grupo, foi enorme sucesso e marco fundamental para as posteriores vitórias e acontecimentos, que consolidaram, através deste evento, um coletivo forte e resistente, que, até na atualidade, vem avançando nas conquistas e posicionamentos frente ao contexto político, cultural e social no Brasil.

A partir deste momento, sucessivos encontros foram realizados encadeando ações e eventos nas cinco regiões do país, que resultaram na criação, fortalecimento e projeção de várias organizações específicas de coletivos travestis e transexuais, bem

³ Sigla que habitualmente marca a comunidade de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

como, inseriu nas organizações não-governamentais (ONG'S) mistas⁴ as temáticas e questões específicas dessas pessoas nos seus planejamentos e estratégias de intervenções.

Os registros destes eventos, como anteriormente citados, não são amplos, pois naqueles momentos da história, naqueles tempos específicos, não se tinha a preocupação, nem hábitos de documentação, relatórios e outras saídas para marcar cada encontro, até mesmo porque o cenário nacional novo e toda voz, até então recolhida aos melindres das discriminações e exclusões, ecoavam de tal potência que estes processos tão importantes quanto, dos registros, passaram despercebidos aos grupos que constituíram cada tempo e momento iniciais dos ENTLAIDS.

No ano de 1994 o segundo ENTLAIDS é realizado fora da cidade do Rio de Janeiro por decisão do coletivo responsável e dos recursos que financiaram o evento. Teve como principal apoiador um gestor do município que se disponibilizou e foi grande parceiro para realização do mesmo. Ele acontece na cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo, e teve a participação de 80 pessoas, sob a responsabilidade organizacional da ASTRAL/RJ.

Em 1995, o evento volta a ser sediado na cidade do Rio de Janeiro, pois de acordo com uma de nossas colaboradoras, a travesti Keyla Simpson, atual presidente da ANTRA (gestão 2016-2020), era nesta cidade que estava a organização de travestis e transexuais mais atuantes naquele momento e que conseguiu articular recursos para a logística do encontro que reuniu cerca de 120 pessoas.

Neste interim temporal (1993 a 1997), surgem as redes RENATA⁵ e RENTRAL⁶, na premissa de articular a criação de algumas instituições, para além do Rio de Janeiro, e agregar as demandas e diálogos numa rede específica de pessoas travestis e transexuais.

Questões, que até então, não eram pautadas de modo significativo nas propostas da recente ABGLT⁷, que ainda intitulavam em seus discursos que nós, travestis, “eles”, teriam demandas específicas. Nestes anos, inclusive, houve grande manifestação das pessoas que compunham esta rede, RENTRAL, numa campanha de

⁴ Organizações não governamentais que agregam pautas e representatividades lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

⁵ Rede Nacional de Travestis.

⁶ Rede Nacional de Travestis e Liberados.

⁷ Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, criada 31/01/1995 por 31 fundadores, contando no ano de 2016 com 308 instituições filiadas.

rasgar seus títulos eleitorais em protesto ao não respeito e discriminação frente às pessoas trans no Brasil.

Estas duas siglas sempre estavam em pauta nas discussões do grupo, pois ainda não era consenso a nomenclatura da rede que se iniciara e nem suas pautas bem objetivas, mesmo porque, em leituras mais atuais, acreditamos que era na articulação destas pessoas o grande passo para que este coletivo se organizasse para, aí sim, disparar quais seriam suas bandeiras de lutas iniciais.

Uma das pesquisadoras que participou deste encontro relata algumas passagens do evento que demonstram as intensidades das participações das travestis em toda a programação e enquanto protagonistas de suas próprias demandas e vozes. Uma destas passagens marca o quão era estereotipada a imagem das pessoas travestis e o quanto as pessoas da academia compravam e reproduziam estes estigmas excludentes.

Fator, este, que nos dá muita tranquilidade nesta produção de contestação acadêmica, visto que, ainda na contemporaneidade se produz muitas pesquisas com estes olhares excludentes, resultando em posicionamentos de ciências e produtor@s de ciências que em nada contribuem para as vidas destas pessoas.

Em sua obra, ao relatar as suas significações sobre uma das maiores lideranças Travestis no Brasil, a mesma dispara a seguinte descrição: “Jovana Baby desafia o estereótipo de travestis que usam maquiagem demais e saltos desconfortáveis. Em vez de *lamé* dourado, decote e strass, ela veste uma túnica simples e sapatos confortáveis” (PATERNOSTRO, 1999, p. 248).

É latente que as premissas de como se significava travesti naqueles tempos, pela academia (pesquisadoras e pesquisadores), já marcavam o tom de rigidez e aprisionamento para certos grupos de pessoas, como se não fosse possível, ou fosse errado, usar *lamé* e saltos lindamente altos.

Podemos observar que estas pactuações foram difíceis, mas providenciais para chegarmos aos momentos contemporâneos onde se observa posicionamentos éticos e políticos de profissionais comprometidos com as pautas deste coletivo e que, automaticamente, contribuíram para nos dar rumos de que luta queriam travar e quais seriam nossas primeiras batalhas para garantia de direitos.

No ano de 1996, novamente acontece o evento na cidade do Rio de Janeiro, totalizando 130 participantes. No ano seguinte, realiza-se na cidade de São Paulo, com número expressivo de 280 pessoas. Em 1998, o ENTLAIDS retorna para o Rio

também com número grande de participantes, num total de 230 pessoas. Estes eventos estavam todos ainda sob a organização e tutela da rede RENTRAL.

Acontecimento inédito se dá no ano posterior quando o encontro sai do eixo sudeste (Rio-São Paulo) e é realizado na região nordeste, mais especificamente, na cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará, contemplando nas mais de 300 inscrições e 250 pessoas participantes do evento. Momento histórico, por acontecer numa das regiões, até então, marcadas pelo machismo e rejeição para com a possibilidade das existências travestis.

O evento foi organizado em parceria com o Grupo de Resistência Asa Branca-GRAB e o Ministério da Saúde, sob coordenação de uma das principais precursoras do movimento travesti no Brasil, a advogada Janaina Dutra. Nascida em Canindé, Ceará, em 1961, primeira travesti no país a portar carteira profissional da Ordem dos Advogados do Brasil, exerceu trabalho pioneiro junto ao Ministério da Saúde na primeira campanha nacional de prevenção da AIDS, trazendo pautas específicas para as pessoas trans. Morreu de câncer pulmonar no ano de 2004, em decorrência também do vírus do HIV, e teve seu reconhecimento enquanto liderança nacional, pessoa de fundamental importância para nosso coletivo travesti, ao ter sua vida relatada no documentário “Janaina Dutra- A dama de ferro”, do produtor e roteirista internacional Wagner de Almeida, no ano de 2010.

No ano de 2000 o ENTLAIDS acontece na cidade de Cabo Frio, no Estado do Rio de Janeiro, somando 200 participantes e chama atenção, por uma das propostas aprovadas na agenda do evento, que votou pela condução dos encontros se realizarem a cada dois anos, fato este que não havia acontecido nas primeiras sete edições. Portanto, no ano seguinte não houve realização do encontro.

Este ano (2000) foi muito peculiar e importante, pois várias deliberações foram fortemente marcadas, empoderando mais intensamente as pessoas que estavam à frente da articulação da rede, dos eventos e auxiliando na criação de muitas instituições pelo Brasil. Uma dessas decisões foi o reconhecimento da rede ANTRA⁸, naquele momento, Articulação Nacional de Travestis e Transexuais, consolidada em assembleia geral, realizada na cidade de Porto Alegre, como a instituição que

⁸ A ANTRA nasce como Articulação Nacional de Transgêneros, e continua registrada com esse nome, ainda não fora alterada a nomenclatura na receita federal. Destaco que nesse período havia um debate muito intenso sobre o termo Transgênero de como ele dava conta das nossas identidades e era bem mais aceitável que o termo Travesti por conta do estigma que esse termo carrega. Esse discurso prevaleceu e só tempos depois voltamos a utilizar os termos travestis e transexuais. Naquele ano a nomenclatura foi aprovada para ANTRA.

representaria suas afiliadas em todo o território brasileiro e concordando em assumir para si, a trajetória percorrida pelas redes em processo RENATA e RENTRAL, ambas sem precedentes jurídicos oficializados.

Neste momento é feita a primeira eleição da rede indicando como presidente da instituição a travesti Liza Minelly, representante do Grupo Esperança, do estado do Paraná e, como vice-presidente, a travesti Cassandra Fontoura do grupo Igualdade do estado do Rio Grande do Sul. Vale ressaltar que nos anos que precederam a institucionalização da ANTRA, não haviam eleições coletivas da rede e as representantes foram escolhidas durante a realização de cada ENTLAIDS.

No ano de 2002 o encontro volta a acontecer, desta vez na cidade de Curitiba, no estado do Paraná, com 200 participantes. Durante este evento houve nova eleição de diretoria da ANTRA, aprovando a travesti Janaina Dutra⁹, do grupo ATRAC do Ceará, como presidenta, e a travesti Marcela Prado, do grupo Dignidade, do estado do Paraná, como vice.

No ano de 2003 o ENTLAIDS é realizado em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, totalizando 250 participantes. Neste ano iniciou-se um grande projeto desenvolvido pela ANTRA, em parceria com a associação PATHFINDER do Brasil, apoiados pelo Departamento de DST/AIDS do Ministério da Saúde, intitulado projeto “TULIPA”, que desenvolveu nas cinco regiões do país uma rede de formações, ações e intervenções para a prevenção e combate às doenças sexualmente transmissíveis, à aids e na premissa de formação de novas lideranças para esta empreitada.

Esse projeto inicial formou então 10 lideranças, duas de cada região, que seriam, respectivamente, as coordenadoras e assistentes dos centros. Nessa formação, além das capacitações, foram desenvolvidos os materiais que seriam usados por essas lideranças nas formações com as novas lideranças das mais diversas regiões.

No ano seguinte, 2006, é finalizado o convênio com a PATHFINDER e entra então o apoio do Departamento de DST/Aids para as formações que os centros deveriam desenvolver. Dessa forma, cada centro apresenta um projeto e um plano de trabalho para essa execução com vigência de um ano e a coordenação do projeto acompanha as formações com os técnicos da PATHFINDER do Brasil.

⁹ Neste momento do texto não poderia deixar de salientar quanta representatividade teve esta ativista do movimento trans no Brasil e América Latina, méritos ainda hoje marcados nos eventos e em alguns textos que problematizam as travestilidades, que desaguou no lançamento do filme “Janaina Dutra – A Dama de Ferro”, de direção e roteiro de Wagner de Almeida e supervisão geral do Grupo de Resistência Asa Branca – GRAB – do estado do Ceará.

Em 2004, o ENTLAIDS acontece na cidade de Campo Grande, no estado do Mato Grosso do Sul, coordenado pela Associação de Travestis e Transexuais de Mato Grosso do Sul – ATMS, somando 260 participantes.

Neste ano houve nova eleição de diretoria da ANTRA, sendo indicadas como presidente, a travesti Keyla Simpson, da Associação de Travestis e Transexuais da Bahia – ATRAS, e como vice-presidente, a travesti Fernanda Benvenutty, da Associação das Travestis e Transexuais da Paraíba – ASTRAPA PB.

Neste ano, muitas ações foram deflagradas juntamente com o Programa Nacional de DST/AIDS, como a campanha “Travesti e Respeito”, ideia, esta, advinda das discussões dos ENTLAIDS e apresentada aos órgãos responsáveis no Ministério da Saúde como demanda deste movimento organizado.

Desta maneira ganhou enorme força a campanha “Travesti e Respeito”, anteriormente disparada pelo Departamento de DST/AIDS, agora, em nova e ampliada versão, atingindo outros setores públicos, como os da educação, trabalho e cultura. Outra articulação que rendeu numerosos elogios e serviu como exemplo para outras intervenções de distintos estados foi o Projeto “Damas”¹⁰, desenvolvido em parceria com a Associação de Travestis e Transexuais do Rio de Janeiro – ASTRA RJ, com a Secretaria de Assistência Social da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro e apoio da ANTRA.

No ano de 2005 o evento acontece na cidade de Florianópolis, no estado de Santa Catarina, com a participação de 200 pessoas. Neste encontro foram aprovados os vários nomes que comporiam algumas representatividades em órgãos e grupos de trabalho, consolidando avanços que já eram pautas dos ENTLAIDS anteriores, mas que, neste ano, foram indicadas e votadas nas assembleias das delegadas de ong’s, participantes neste encontro.

Outra pauta que se destacou neste ano foi a orientação, em nível nacional, para que todas as organizações filiadas à ANTRA se movimentassem para garantir manifestações nas cinco regiões do país, marcando o dia 29 de janeiro como o dia de visibilidade trans. Esse dia foi escolhido porque em 29 de janeiro de 2004, pela

¹⁰ Implementado em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, o Projeto Damas busca combater a discriminação e o preconceito e promove formação profissional para travestis e transexuais visando à reinserção social desses públicos. Por meio de capacitações, incentivo à escolaridade e à empregabilidade, a iniciativa concretiza os direitos dessa população, ao mesmo tempo em que promove uma ampliação de visões do mundo. Os referidos dados foram extraídos da página online da gestão municipal do Rio de Janeiro, RJ, e não há outras fontes e/ou pesquisas que cite o referido.

primeira vez na história do nosso país, travestis e transexuais estiveram no Congresso Nacional falando aos parlamentares brasileiros sobre a realidade dessa população que até o momento só era vista como prostituição e pessoas anormais.

Em 2006 o evento aconteceu na cidade de Goiânia-GO, totalizando 200 participantes. Foi escolhida esta cidade por razões bem peculiares, de acordo com informações da presidenta da ANTRA (gestão 2012/2015), Cris Steffany, que também, no referido ano, foi uma das responsáveis pela organização e coordenação do encontro, juntamente com as instituições locais daquela cidade e de apoio da Associação de Travestis e Transexuais do Mato Grosso – ASTRA MT.

No ano de 2007, o ENTLAIDS acontece na cidade de São Paulo com 170 participantes, sob organização do Instituto APHRODITTE, presidido pela ativista Fernanda de Moraes. Sua abertura se dá na Câmara Municipal de São Paulo e neste encontro o tema disparador foi “Cidadania, um direito de tod@s”. A programação foi ampla e resultou em aprovações de propostas que foram concretizadas em ações específicas que marcaram os avanços após o evento.

A ANTRA é convocada, então, a compor grupo de discussão, monitoramento e desenvolvimento do Programa Nacional de DST/AIDS, no plano nacional de enfrentamento da epidemia de Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Indica, também, representação para integrar a comissão de construção da primeira conferência nacional LGBT.

Em 2008, o ENTLAIDS é realizado na cidade de Salvador na Bahia, com 190 participantes entre os dias 14 a 18 de setembro. A pauta deste ano foi “Abrindo horizontes para a cidadania”, e sua organização foi coordenada pela instituição local, a ATRAS-BA. Deste encontro destacamos, como ações de visibilidade, a audiência realizada no gabinete do ministro de saúde, na época, José Gomes Temporão, onde foram recebidas, em comitiva, várias travestis e transexuais para reunião com pauta específica destes coletivos.

Em 2009, com o tema “Sou travesti e existo”, o encontro volta para a cidade do Rio de Janeiro, com organização e coordenação da ASTRA Rio e contou com 160 participantes. Nesta edição, as várias frentes, que buscaram definir conceitos que corroborassem com as identidades políticas de pessoas travestis, mulheres e homens trans, foram as que mais tiveram holofotes. Pois, como apontam alguns relatos da equipe que avaliou o evento, tais discussões aconteceram de maneira acalorada e marcou avanços significativos na participação dos homens trans, de maneira histórica e organizada neste encontro.

Outro aspecto bem avaliado, que gerou várias movimentações por todo o país, nas assembleias legislativas nos estados da federação, nas câmaras de vereadores e discussões nos setores da educação, foi a campanha nacional pela sensibilização e articulação da garantia das portarias de inclusão e respeito aos usos dos nomes sociais nos ambientes escolares das pessoas travestis e transexuais, baseadas em portarias já publicadas pelas secretarias de educação dos estados de Goiás e Pará.

Durante o evento aconteceu o chamamento de assembleia geral da ANTRA, que aconteceu logo em sequência, na cidade de Terezina, no Piauí, para eleição de nova diretoria. O evento foi um planejamento estratégico da ANTRA e, a partir daí, as eleições passaram a ocorrer fora dos ENTLAIDS, só voltando a acontecer durante a realização do evento em Campo Grande, no ano de 2016, por questões de recurso e necessidades de reorganização da rede. No Piauí, ficou como presidenta, Jovanna Baby de Picos no Piauí, fato que chama atenção, pois essa travesti fomenta todo o início da história do movimento, nesta mesma cidade, há 18 anos antes, e como vice-presidenta assume Majorie Marchi, do Rio de Janeiro.

Em 2010, trazendo como pauta principal “A conquista da cidadania pelo fim da transfobia”, entre os dias 16 a 19 de novembro, acontece em Aracaju, no estado de Sergipe, a décima sétima edição do ENTLAIDS. O encontro foi organizado e coordenado pela instituição local ASTRA SE e contou com 170 pessoas.

No ano de 2011, o ENTLAIDS é realizado na cidade do Recife em Pernambuco, coordenado pela AMOTRANS (Associação de mulheres transexuais e travestis de Pernambuco), instituição local, e contou com a participação de 180 pessoas. O tema principal do encontro foi “Por dignidade e respeito” e agregou, entre os dias cinco a oito de outubro, uma pauta específica para problematizar os espaços de práticas de religiosidades de matriz africana no acolhimento de pessoas trans.

O décimo nono ENTLAIDS, por deliberações estratégicas de articulações, acontece entre os dias quatro a oito de novembro de 2012, com 200 pessoas participando, na capital política do país, Brasília, Distrito Federal.

De acordo com relatório confeccionado pela comissão organizadora do evento, o referido realizou a sua 19ª edição promovendo a reflexão e debate sobre diferentes temas, tendo como foco principal a prevenção das DST/HIV/HV. Sua metodologia permitiu discutir e pactuar recomendações específicas relacionadas às atuais estratégias e políticas públicas em Saúde, HIV/AIDS, Direitos Humanos e outras áreas correlatas a essas.

Entre os dias 25 a 30 de setembro de 2013, o ENTLAIDS acontece na cidade de Curitiba no Paraná, contando com 150 participantes, com coordenação do Transgrupo Marcela Prado e projeto aprovado em edital do Ministério da Saúde, e parcerias com a Secretaria de Estado de Saúde do Paraná e Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso.

O encontro teve como viés principal a perspectiva formativa de novas lideranças, configurando um novo olhar para o evento, sendo avaliado como um dos mais politizados dentre os já acontecidos. As mesas, rodas de conversas, oficinas e plenárias se deram sobre os mais variados temas, porém, todos com a marca formativa latente. Na solenidade de abertura, o tema central foi fortemente debatido e o título – “Da Formação à Prevenção – Estratégias para o fortalecimento do Exercício da Cidadania da População Trans Brasileira”, foi mais que elogiado pelas pessoas presentes.

O ENTLAIDS voltou acontecer no ano de 2016, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, elegendo nova gestão de diretoria, ficando como presidente da instituição Keyla Simpson, da Bahia, e Chopelly Glaudston, de Recife. Em 2017, o evento ocorre em Teresina, Piauí, elegendo como cidade sede para o ano de 2018, a cidade de Manaus, no Amazonas.

Produções de resistência enquanto método de guerrilha

As narrativas, que cada participante produziu em todo o processo da pesquisa, somam-se aos resultados das entrevistas que tiveram o intuito, justamente, de disparar tais discursos, que demarca o comprometimento político e ético para com as vidas em evidência, porque as escolhas por todas estas ferramentas são necessárias diante do gigantesco universo que trouxemos à tona e estas narrativas,

(...) não podem ser encaradas como desarticuladas das políticas que estão em jogo: políticas de saúde, políticas de pesquisa, políticas da subjetividade, políticas cognitivas. Toda produção de conhecimento, precisamos dizer de saída, se dá a partir de uma tomada de posição que nos implica politicamente. O conceito de política que trabalhamos pressupõe esse sentido ampliado que não se restringe ao domínio específico das práticas relativas ao Estado (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009, p. 150).

Ao falar sobre si mesma em relação ou detrimento do outro e da outra é produzido um discurso sobre as potências das diferenças e, é no processo dialógico

de construção dos gêneros e dos corpos, que o discurso está na constituição da vida social, cultural, política e subjetivada.

Marcamos este cartografar como momentos de interações discursivas que são sempre produzidas em contextos de negociações de significados. Esta posição metodológica “consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos. Ao compartilhar aqui o caminhar do pesquisar elos na rede acreditamos que a ação de acompanhar processos será detectada pelo leitor” (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009, p. 150).

Nesta perspectiva, os elementos buscados para emergir e problematizar, junto à essas travestis, foram interpretados, lidos, analisados e mapeados como textos informais, porém atravessados pelas práticas institucionais. Logo, a função de “cartógrafas assumidas” das duas autoras, teve intenção de problematizar o mundo pelos desvios, nos lapsos e onde escapam o que não gostaríamos de encontrar (PASSOS, KASTRUP e TEDESCO, 2014).

Nossa tarefa, enquanto produtoras de conhecimentos, pesquisadoras (nós, as referidas travestis), é problematizar, descrever, desestabilizar, analisar e ressignificar quais são as impressões, resistências e jogos de poder que permeiam as construções das expressões travestis e a escola (e falta dela).

As significações dessas perspectivas de análises, somadas aos diálogos com as problematizações sobre as sexualidades humanas em Foucault (1975; 1988) que traz diferentes explicações encontradas na história apontam as desigualdades que se constituíram nesse desvelar, realçando as múltiplas significações e variáveis para nossa posição nas perspectivas cartográficas.

Todas estas dimensões, que apareceram nas relações com as travestis, são potencializadas em análises dos discursos, que atravessam os circuitos da história deste movimento coletivo organizado e são aportes teórico-metodológicos de guerrilha. Seja pela potência que se estabelece nas relações com essas pessoas, seja para buscar análises, que sejam fiéis e respeitadas para com tais produções engendradas por tantos sofrimentos, recusas, estereótipos que são recusados nas estratégias de resistências e manutenção da vida por estas lideranças nacionais.

Tais análises dos discursos precisam marcar a recusa pelas explicações óbvias, fáceis, essencialistas, binarizantes e discriminatórias. É ampliar os referenciais discursivos daquilo que é dito para contemplar os elementos que, para além da linguagem verbal, incluindo as marcas das corporalidades, das expressões, dos afetos, também enquanto discursos são potentes e tem significados reais.

Michel Foucault nos apresenta a conceituação de discurso que mais se aproxima das perspectivas que buscamos assumir aqui, pois o filósofo o define, não como um estreitamento dos contatos, ou de confrontos, entre o real e a língua, não como apenas um conjunto de signos, mas “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 1985, p. 56).

São aproximações nas relações dialógicas estabelecidas entre academia e movimentos sociais, que ampliam os universos de referências discursivas, porque todas as manifestações, nestes contatos, são produções de signos, discursos, que precisam de um olhar bem mais atento para as interpretações.

“É preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 1985, p.56) ao propor uma análise de discursos, mesmo porque os discursos são potencializados como múltiplas redes argumentativas que a sociedade perpetua sua história e processos de subjetivação.

Os discursos, que observamos contundentes foram, sem sombra de dúvidas, os de resistências, que contrapõem as exclusões, que marcam as estratégias, que combatem manifestações de clausura, sofrimentos e estigmatizações em verdades universais. São discursos que, mesmo reconhecendo que a própria produção de verdade é deste mundo, ela só tem efeito se mantida como modelo a ser seguido, pois, “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (FOUCAULT, 2006, p.12).

A sociedade, nas relações com seus grupos, retoma algumas consciências das pessoas nos parâmetros de sintonia ou confronto nas resoluções de suas inquietudes ou incompreensões dos discursos. As relações de enfrentamentos, nos planos discursivos, provocam na sociedade, nas instituições sociais e nos instrumentos que se criam para tentar controlar o incontável: a vida. Os processos culturais organizam os contextos na constituição das experiências mais íntimas, nas identidades corpóreas dos grupos e das pessoas, automaticamente das travestis.

Os discursos de dominação buscam manter e validar o que está certo ou errado, as corporalidades viáveis e não viáveis, as expressões humanas aceitáveis e não aceitáveis, as práticas sexuais biologizantes e reprodutivas e as práticas subversivas dos prazeres. Neste sentido, as análises e produções dos discursos, em perspectivas de guerrilha, devem marcar “os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros” (FOUCAULT, 1979, p. 12-13).

São posicionamentos éticos/políticos/estéticos que rebatem certas produções de discursos que marginalizam algumas vidas, abrindo precedentes compromissados, discursivamente, para “as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que tem o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro” (FOUCAULT, 2006, p. 12).

Os possíveis discursos são pretextos para novas produções, as análises são multiplicadoras de sentidos e inauguradoras de novos problemas, ou seja, este método analítico “consiste em dar visibilidade às relações que constituem uma dada realidade, na qual a pesquisadora se encontra enredada” (IBIDEM, p. 179).

Os referidos enunciados, ou mesmo a formação discursiva, são ferramentas de dominação e poder, que engendram as relações sociais, políticas e culturais, conferindo a alguns grupos e pessoas a aquisição destas manobras em detrimentos de padronizações discursivas da vida, das práticas, porque, para Foucault “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 1996, p. 44).

São práticas que, repetidamente, vão desenhando que tipo de sociedade se quer e não se quer, porque toda intervenção social é significativa e constitui-se nos modos sequenciais discursivos articulados aos processos e elementos nas relações. E, para além, tentam desarticular, deslegitimar, certas produções, pois tal tentativa de formação dos enunciados é, para Foucault,

(...) um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de informação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática (FOUCAULT, 1985, p.82).

Dessa feita, justificam-se todas as perspectivas metodológicas elencadas, mas não abrindo mão de várias outras possibilidades e ressignificações, que atravessam os cotidianos, pois se acredita que é desta forma que se constrói as problematizações subjetivas das pessoas e o quanto é necessário um olhar menos ortodoxo sobre as questões de gêneros, identidades e todo o bojo que estes estudos podem e devem provocar.

Todas as escolhas teórico-metodológicas, permeadas pelo método cartográfico, nos permitem os olhares ampliados, as rupturas com as rígidas conceituações epistemológicas, os diálogos entre produções que, em certos

momentos, não pactuariam com tais relações num mesmo texto, porém que tem tudo a ver com nossa posição de vida.

Ao assumirmos uma posição de guerrilha, seja nas escolhas dos caminhos para as produções de conhecimentos, seja para contestar o óbvio e posturas biologizantes universais, estamos garantindo a abordagem sobre as travestis, em suas potências de vidas, desvirtuando toda e qualquer regra, todo universalismo absoluto e todas as fixas e biologizantes armadilhas de identidades únicas.

São outras nuances de produções de conhecimentos que estamos garantindo, de maneira, assumidamente marginal, mas que não perde sua validade, pois, problematizar as exitosas vidas e experiências travestis é garantir a manutenção da vida e o compromisso com as produções, seja em Educação, seja em Psicologia, que acreditamos efetivar.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia?** Tradução Bento Pardo Junior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

_____. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1; Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

ESCÓSSIA, L. KASTRUP, V. PASSOS, E. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Vol. 1. Porto Alegre: Sulina, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade: o cuidado de si**. – volume III. Tradução Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **História da sexualidade: a vontade de saber** – volume I. Rio de Janeiro: Graal, 1985/1988/2005.

_____. **A ordem do discurso**. Resumos dos Cursos no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970-1982. São Paulo: Loyola, 1996 (a).

_____. **Ditos e escritos IV**. Estratégias de saber e poder. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GUATARRI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. Subjetividade e história. In: _____. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis; Vozes, 1986/1996.

KASTRUP, V. PASSOS, E. TEDESCO, S. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano omum**. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LAURETIS, Teresa de. **Diferencias**: Etapas de un camino a través del feminismo. Tradução María Echániz Sans. Madrid: Horas y horas, 2000.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PATERNOSTRO, Silvana. **Na terra de Deus e do homem**. Tradução Ana Deiró. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

ROLNIK, Suely. Cidadania e alteridade: o psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia. In: _____ SPINK, M. J. P. (Org.). **A cidadania em construção**: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994. p. 157-176.

SCOTT, Joan. Experiência. In: _____ SILVA, A. L. da; LAGO, M. C. de S. & RAMOS, T. R. O (Org.). **Falas de Gênero**: Teorias, análise, leituras. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

Cartographs Travestis: methodological perspectives of guerrilhas in the dialogues with the organized social movement

Abstract: This text is a cross-section of doctoral research on travestilities and school, dialogued with leaders of the organized social movement of these people. This proposal intends to problematize methodological positions, considered as marginal, as an ethical and political commitment to the population in question. For this purpose, we present a brief map of the history of the social movement of Brazilian transvestites in the last twenty-five years and, in the dialogue with the national leaderships, ensure that the knowledge produced in the life processes, even if exclusive, are considered. In this sense, we mark our challenge to the fixed universal binarisms "biologizantes" in many productions about this population, to guarantee the new expressions of genres in the diverse contexts of life. Therefore, we assume a guerrilla production regarding the transvestite universe and the stigmas always allocated to these people.

Keywords: Transvestite cartography; Brazilian transvestites; Cartographies of guerrilla.



Recebido: 25/01/2018.

Aceito: 26/01/2018.